

## EDITORIAL

Um periódico acadêmico geralmente é avaliado, quanto a seu desempenho, por comissões que lhe apreciam com vistas a critérios próprios a instituições. Nesse caso, publicações como estas são tão mais bem avaliadas quanto mais vinculadas a bases de dados, a indexadores nacionais e estrangeiros, quanto a sua periodicidade e pontualidade, além da tão desejável internacionalização. Não negamos que essas sejam qualidades a serem aquilatados conforme o interesse de mensurar o impacto de um veículo acadêmico e científico junto aos órgãos que necessitam de estabelecer qualificação e regulação a estes. No entanto, sem descuidar desses, devemos nos declarar prioritariamente motivados por outros quesitos tão ou mais importantes.

Uma revista acadêmica deve cumprir seu papel técnico-científico-informacional de difundir a matéria de seu escopo (no caso, aqui, a filosofia). Assim, vige o propósito de divulgar a produção recente, observando sua qualidade, relevância, originalidade e, sobretudo, facultando espaço ao pesquisador que pretende seu trabalho não como apenas mais um ponto em seu currículo, mas contribuição valorosa aos estudos de filosofia no Brasil e desde o Brasil. Isso significa que cabe a periódicos como o presente, difundir os estudos feitos aqui e para o estrangeiro fazendo com que estes tenham seu lugar. Cumprida essa tarefa, desejável e estimada justamente por somar-se aos esforços que incrementam o caldo de cultura filosófico em nosso país, abrimos também nossas portas a trabalhos de pesquisadores estrangeiros que, interessados em produtiva interlocução, desejam pontificar em nossas páginas.

É no cultivo desse espírito que abrigamos, em nossos números, artigos de pesquisadores de filosofia alemães, franceses, belgas, húngaros, espanhóis, mexicanos, argentinos, além de possuímos dossiês inteiros organizados por parceiros portugueses, chilenos e italianos. Este trabalho sincero, inquebrantável e comprometido com a filosofia obteve recentemente reconhecimento por parte do *Ministero dell'Università italiano* como revista científica na Área 11 (que compreende filosofia, psicologia, ciência histórica e pedagogia).<sup>1</sup> O processo que resultou nesse honroso credenciamento partiu da livre iniciativa da Prof<sup>a</sup> Stefania Mazzone, da Università di Catania, a quem devemos um agradecimento.

O presente número de *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* é composto por trabalhos oriundos de seu fluxo contínuo. Significa dizer que, nos sete anos de existência da revista, ela já desfruta da autonomia de poder editar números substanciais com a matéria exclusiva da procura de acadêmicos brasileiros e estrangeiros que desejam ter publicados seus artigos, traduções (com direitos autorais verificados) e resenhas de livros em nosso domínio,

---

<sup>1</sup> <https://www.anvur.it/attivita/classificazione-delle-riviste/classificazione-delle-riviste-ai-fini-dellabilitazione-scientifica-nazionale/elenchi-di-riviste-scientifiche-e-di-classe-a/>

o que para a Equipe Editorial da revista e para o *Grupo de Pesquisa de Fenomenologia, Hermenêutica e Metafísica da UNIOESTE* (no qual *Aoristo* está lastreada) é motivo de sereno orgulho e contentamento.

O artigo de abertura do atual número é: *Embustes fenomenológicos entre Husserl e Brentano sobre a origem do tempo*, de Isabela Carolina Carneiro de Oliveira (UFMG). Trabalho que remonta a alguns dos embates entre as primeiras ideias elaboradas por Husserl e Brentano sobre o fenômeno do tempo. Tal como sustenta a autora, Husserl elaborou, desde seus primeiros escritos, o tema da temporalidade fenomenológica e a consciência-tempo, mas seguiu caminho diverso do proposto por Brentano sobre o mesmo tempo.

Também com Brentano em foco, *A trajetória do dado fenomenológico (1874-1945): De Brentano a Merleau-Ponty, o panorama das ideias e as polêmicas*, é o segundo trabalho nesse número, com autoria de Paulo Henrique Reis de Sena (UFSC). Em linhas gerais, o artigo versa sobre a aparição e os desdobramentos de algumas dentre as principais abordagens da fenomenologia, no que se refere ao problema do sentido intuitivo do dado fenomenológico.

*Releitura fenomenológica de Hegel e Husserl sobre a consciência*, de Ricardo Chiaradia (PUC-RS) é título que investiga diferenças epistêmicas entre a Fenomenologia do Espírito de Hegel e a Fenomenologia Pura de Husserl. Tal como pretende o autor, seria possível notar que o que constitui desvio significativo em cada fenomenologia está no fato de que, em Hegel, há ainda um conceito de Deus, ao passo que, para Husserl, há a intencionalidade.

A filosofia de Husserl se faz uma vez mais presente por meio do artigo de Paulo de Tarso Menegon Magalhães de Castro (UFLA), intitulado: *Prolegômenos: da virada noética à primeira fenomenologia*. Com este, pretende-se uma análise comparativa da versão de 1900 dos *Prolegômenos* de Husserl com sua segunda edição em 1913, sugerindo-se com o último uma segunda fase do pensamento do filósofo.

Como o título indica, o artigo de R. S. Kahlmeyer-Mertens (UEM) alude: *Da Hermenêutica da facticidade: uma indicação a sua contribuição à psicologia fenomenológico-existencial*. O que se quer é apresentar os termos do referido projeto filosófico e como este pretende uma abordagem do fenômeno humano enfocado como “vida fática”; após, uma indicação do quanto a hermenêutica da facticidade teria a contribuir para o modo de compreender e comportar-se de uma psicologia fenomenológico-existencial.

Também com vivo interesse na Psicologia fenomenológico-existencial de Heidegger, *From behaving to being: the possible authenticity of the child as early Dasein*, de Paulo Eduardo Lopes da Silva (PUC-PR), pretende discutir, com base no pensamento fenomenológico-hermenêutico de Martin Heidegger, sobre a diferença entre o comportamento da criança e o *ser* da criança, sua constituição enquanto ser-aí.

Representando a área temática da hermenêutica, igualmente cara a nossa revista, Leandro P. Albrecht e Alfredo J. P. Albrecht (ambos da UFPR) contribuem com *Gadamerian philosophical hermeneutics and the laudanian perspective of research traditions in agronomy*. O artigo intenta relacionar a hermenêutica filosófica gadameriana com a concepção laudiana de filosofia da ciência, aplicada também a filosofia da

tecnologia, no contexto agronômico. Para os articulistas, o exercício gira em torno da questão: a hermenêutica filosófica gadameriana pode ser aplicável à compreensão da agronomia?

Composta também por traduções, vemos esta nova seção de *Aoristo* iniciar com *A fenomenologia segundo Max Scheler*, do filósofo italiano Norberto Bobbio. Conhecido majoritariamente por seu trabalho com a teoria política e a filosofia do direito, tal escrito de juventude é espécime de um período no qual Bobbio estava particularmente interessado na fenomenologia, mostrando-se familiarizado, desde a primeira hora, com o pensamento de Husserl, de Jaspers, de Heidegger... O título aqui é mostra de sua proficiência na fenomenologia de Scheler e sua tradução, assinada por José Francisco de Assis Dias e Daniela Valentini (UNIOESTE), é contribuição oportuna à expansão e consolidação dos estudos sobre aquele fenomenólogo de Munique em língua portuguesa.

Italiana, como Bobbio, é Carla Canullo, da Università degli Studi di Macerata, cujo artigo *A Fenomenologia e o Deus em questão. Notas sobre uma querela (francesa) contemporânea*, nos é oferecido na tradução de Íris Fátima Uribe (UFMA), pesquisadora que desenvolve proativo trabalho em favor dos estudos de filosofia italiana no Brasil.

*Husserl e a ideia da filosofia*, de Paul-L. Landsberg, é outra tradução cujo tema refere-se à filosofia fenomenológica em seus inícios. Este distinto trabalho, cheio de utilidade ao leitor de filosofia em língua portuguesa, segue na tradução de Guilherme Felipe Carvalho (PUC-PR).

Encerrando a seção, temos Olavo de Salles (UNIOESTE) com sua versão ao português de *O problema da realidade na filosofia moderna*, ensaio de juventude de Martin Heidegger datado de 1912. Com este, o leitor brasileiro passa a ter acesso privilegiado a um escrito daquele filósofo alemão conhecido apenas por um público bastante estrito. Na referida tradução, o leitor poderá conferir como Heidegger interpretava a filosofia moderna, já de maneira autoral, mesmo contando com tenros vinte e três anos de idade.

Heidegger também está na pauta de nossa seção de resenhas. A cargo de Deborah Moreira Guimarães (UERJ), temos resenha informativa da edição do volume III de *Mundo e historicidade: leituras fenomenológicas de Ser e tempo*, de Marco Casanova. Em seu texto, a autora nos oferece painel competente desse último volume da trilogia preparada pelo professor Casanova, que pretende uma interpretação ampla da principal obra de Heidegger.

As palavras protocolares desse editorial, por mais que anúncio dos temas e de seus autores, não devem, no entanto, retardar a experiência dessas peças de filosofia. Sendo assim, a Equipe Editorial de *Aoristo – International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics* deseja a todos uma leitura proveitosa dos nossos conteúdos.

3